

**A HISTÓRIA ORAL NA  
ESCRITA DE SI E DO  
OUTRO:  
Tópicos de reflexão na  
construção de uma  
metodologia na  
produção historiográfica**

**THE ORAL HISTORY IN WRITING YOU  
AND THE OTHER**

Discussion topics in the construction of a  
methodology of historiography

**LA HISTORIA ORAL EN ESCRITURA  
USTED Y EL OTRO**

temas de discusión en la construcción de  
una metodología de la historiografía

**L'HISTOIRE ORALE DANS LE CADRE  
DES ÉCRITS SUR SOI ET SUR AUTRUI**

Points de réflexion au sujet de la  
construction d'une méthodologie  
production historiographique

**Francisco de Assis de Sousa Nascimento<sup>1</sup>  
Fagno da Silva Soares<sup>2, 3</sup>**

<sup>1</sup> Coordenador do Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (PPGHB/UFPI). Possui pós-doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Doutorado em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenador do Doutorado Interinstitucional em História (DINTER-UFPE/UFPI 2013-2016). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq História, Música, Teatro e Estética. E-mail: [franciscoufpi@gmail.com](mailto:franciscoufpi@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorando História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, professor de história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA/Campus Açailândia). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq CLIO & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História Oral e Memória (IFMA). Pesquisador do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO/USP) e pesquisador do Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo Contemporâneo (GPTEC/UFRJ). E-mail: [fagno@ifma.edu.br](mailto:fagno@ifma.edu.br)

<sup>3</sup> Endereço de contato dos autores (por correio): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA/Campus Açailândia). Rua Projetada, s/n, Vila Progresso II, 65930-000. Açailândia - MA, Brasil.

## RESUMO

O presente artigo visa perscrutar o processo reflexivo da construção do conhecimento histórico, através da metodologia da história oral, utilizando a modalidade das histórias de vida, por meio da qual é possível entender o processo, eivada de sensibilidades, emoções, experiências pessoais e coletivas, felizes ou traumáticas, sejam elas intimistas ou entrecruzamento com outras vivências coletivas. A fundamentação teórica baseia-se nos postulados de Michel de Certeau, Michel Foucault, Jacques Le Goff, Ulpiano Menezes, Mary Cristine Josso e Tomás Tadeu da Silva. A reflexão foi constituída a partir da análise bibliográfica que dialoga com autores devotados à História Oral como Verena Alberti, Ana Maria Mauad dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Memória; Oralidade; Histórias de Vida.

## ABSTRACT

This article aims to scrutinize the reflective process of the construction of historical knowledge through oral history methodology, using the method of life stories through which to understand the process in the course of a life, fraught with sensitivities, emotions personal and collective experiences, happy or traumatic, whether intimate or intersection with other collective experiences. The theoretical framework is based on the postulates of Michel de Certeau, Michel Foucault, Jacques Le Goff, Ulpiano Menezes, Mary Cristine Josso and Thomas Tadeu da Silva. The reflection was created from literature review that dialogues with authors devoted to oral history as Verena Alberti, Ana Maria Mauad among others.

**KEYWORDS:** History; Memory; Orality; Life stories.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo examinar el proceso de reflexión de la construcción del conocimiento histórico a través de la metodología de la historia oral, utilizando el método de historias de vida a través del cual entender el proceso en el curso de una vida, lleno de sensibilidades, emociones experiencias personales y colectivas, felices o traumáticas, ya sean íntimas o de intersección con otras experiencias colectivas. El marco teórico se basa en los postulados de Michel de Certeau, Michel Foucault, Jacques Le Goff, Ulpiano Menezes, María Cristine Josso y Thomas Tadeu da Silva. La reflexión fue creado a partir de revisión de la literatura que dialoga con autores dedicados a la historia oral como Verena Alberti, Ana Maria Mauad entre otros.

**PALAVRAS CLAVE:** Historia; Memoria; La oralidad; Historias de vida.



# revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 1, maio. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2especial1p28>

## RÉSUMÉ

Cet article vise à analyser le processus réflexif de construction de la connaissance historique en se basant sur la méthodologie de l'histoire orale et la modalité des histoires de vie. On pourra ainsi tenter de comprendre ce processus chargé de sensibilités, d'émotions, d'expériences personnelles et collectives, heureuses ou traumatiques, qu'elles soient intimes ou liées à un vécu collectif. Notre fondement théorique s'appuiera sur les postulats de Michel de Certeau, Michel Foucault, Jacques Le Goff, Ulpiano Menezes, Mary Cristine Josso et Tomás Tadeu da Silva. La réflexion a été construite à partir d'une analyse bibliographique dialoguant avec des auteurs se consacrant à l'histoire orale, tels que Verena Alberti, Ana Maria Mauad, entre autres.

**MOTS-CLÉS** Histoire; Mémoire; Oralité; Histoires de Vie.

Recebido em: 15.02.2016. Aceito em: 13.04.2016. Publicado em: 30.05.2016.

## 1. INTRODUÇÃO

*"A identidade e a diferença são resultado de atos de criação linguística, o que significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem."*

Tomas Tadeu da Silva

A proposta do presente texto é discutir alguns aspectos da metodologia da história oral e sua contribuição para investigação das histórias de vida, em meio às experiências de investigação histórica com atores sociais, na perspectiva da invenção de si, como forma de construção de subjetividades, constituição de sentidos e representações sociais.

Na realização do ofício do historiador na segunda metade do último século percebeu-se uma inegável ampliação das fontes históricas, já sinalizada pela terceira geração da Escola dos *Annales*, que possibilitou no aspecto metodológico o alargamento da utilização de novas fontes de pesquisa, inclusive de fontes verbais na pesquisa histórica.

Novas concepções de história foram construídas, outros conceitos foram incorporados e novos sujeitos tiveram suas vidas e seus fazeres inclusos na produção historiográfica. A história passou a se preocupar com a totalidade da vida e com a vida de todos os sujeitos, sejam eles ilustres personagens ou pessoas comuns. Na discussão da história do tempo presente há uma ampla discussão sobre a História Pública, com realização de inúmeros eventos, realização de pesquisas diversas, inclusive com a utilização da história oral.

Outros problemas também emergiram envolvendo as questões da objetividade científica e da subjetividade, no que diz respeito ao aspecto empírico e também político,

ou seja, na tomada de decisão a respeito do ato de conhecer, como: de que maneira o conhecimento é produzido na contemporaneidade? Quem pode conhecer dos fatos e eventos? Como é realizado o processo de constituição de fontes? Como essas histórias terão visibilidade no tempo presente? De que forma o historiador lida com a linguagem e com a representação? Essas questões acerca da inovação produzida pelas fontes na produção histórica não foram completamente resolvidas e continuam sendo problematizadas e teorizadas em vistas de facilitar a investigação das histórias de vida.

A entrada da vida na história, isto é na ordem do saber e do poder, é um desafio para compreensão dos historiadores que concebem seu campo epistemológico como *ciência dos homens no tempo* e sendo assim, “a vida, portanto a história é múltipla em suas estruturas, em suas causas” (LE GOFF in: BLOCH, 2001, p. 32).

Neste contexto, o primeiro elemento a ser investigado é a tentativa de promover a apreensão de uma dualidade ou uma concomitância que persiste, ou seja, “a posição dupla da vida que a coloca ao mesmo tempo no exterior da história, como seu entorno biológico, e no interior da historiografia humana, penetrada por suas técnicas de saber e de poder” (FOUCAULT, 1976, p. 198).

## **2. O HISTORIADOR E A HISTÓRIA ORAL**

Essa reviravolta na história e o exercício sensível do historiador lhe impulsionaram cada vez mais para, olhando o sujeito com uma visão holística e em toda sua historicidade, tentar compreender sua história de vida, e as vivências que se encontram e se comunicam numa intertextualidade ritmada e oscilante, orgânica e disforme, simples e complexa, como são todas as vidas em seus percursos históricos, perfazendo historicidades ainda mais particulares.

É exatamente neste contexto que poderíamos chamar de *reviravolta da história* que emerge a história oral como metodologia e as histórias de vida como modelo para produção do conhecimento, envolvendo uma série de práticas e levando-se em conta as várias contribuições dos aportes teóricos necessários ao exercício investigativo.

No que refere aos procedimentos investigativos há que levar em consideração uma série de fatores, dentre os quais, os problemas da pesquisa, os sujeitos, os locais de produção do conhecimento, os interesses e as contribuições aos novos pesquisadores. Neste sentido, na investigação das histórias de vida com fontes verbais trabalha-se municiado por uma série de categorias, dentre as quais a memória, cuja função é compreendida por Ulpiano Meneses como:

[...] construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a história, que é a forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. [...] a história não deve ser o duplo científico da memória, o historiador não pode abandonar sua função crítica, a memória precisa ser tratada como objeto da história. (MENESES, 1992, p.42)

A história oral, enquanto metodologia acompanhou a mudança no ritmo da história, adquirindo no transcorrer do tempo sua legitimidade e suas bases de teóricas. Novas reflexões continuam sendo realizadas, o que legitima o seu caráter dinâmico e sistemático, acompanhando as transformações e mudanças no tempo.

Na tentativa de compreender a história oral, pode-se conceituá-la como sendo uma metodologia de pesquisa e de documentação de fontes para estudo da história contemporânea. Para Pollak (1989, p.01) "a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe a memória *oficial*."

A história oral lida constantemente com os discursos e com as histórias de vida, de diversas categorias, além de valorizar seus relatos gravados e transcritos, também

possibilita uma aproximação do pesquisador com seus entrevistados, podendo criar vínculos afetivos, desenvolver novos saberes, construir juntos a experiência da produção do conhecimento, na qual atores sociais se inventam e se constituem numa prática reflexiológica e dialógica.

Essa metodologia também possui uma história. A história oral surgiu a partir da invenção do gravador e da fita magnética de áudio em 1948. Seus criadores foram Allan Nevis e Louis Starr, da Universidade de Columbia. A partir dessa descoberta uma plêiade de possibilidades se abriu, favorecendo a escrita da história.

Ao longo dos anos, com o surgimento e aperfeiçoamento das novas tecnologias a História Oral também foi se desenvolvendo e sendo incorporada nos programas de pesquisa de história e de outras ciências sociais, contribuindo para o avanço do conhecimento, ampliando o repertório de fontes, o potencial de entendimento da cultura e sociedade. Segundo Verena Alberti:

Na década de 1960, paralelamente ao aperfeiçoamento do gravador portátil, tornaram-se freqüentes também as entrevistas de histórias de vida, com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo. Foi a fase conhecida como da história oral militante, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para "dar voz" às minorias e possibilitar a existência de uma História 'vinda de baixo'. (ALBERTI, 2005, p. 153)

A prática de pesquisa histórica com a história oral possibilita uma reconstrução da memória num processo de rearranjo e negociação, em que entrevistador e entrevistado lidam com a memória. A memória assume assim, uma posição central no trabalho investigativo, pois ela "é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentido de unidade, de continuidade e de coerência, isto é, de identidade". (ALBERTI, 2005, p.157).

Uma segunda categoria que merece ser problematizada é a identidade ou as identidades, pois durante um relato de vida pessoal ou em certas fases no decurso de uma entrevista as vivências pessoais são apresentadas de forma reflexiva e oferecem caminhos para novas compreensões de seus processos identitários e de suas realidades.

Quanto a essa complexa e controversa questão da identidade, assim afirma Stuart Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder [...] (HALL, in SILVA, 2003, p. 109)

Com a preocupação direcionada para compreensão das histórias de vidas dos indivíduos, dando vazão à história de grupos desprestigiados da história oficial, como as mulheres, os excluídos, os loucos, as crianças e outras 'minorias' reclusas na penumbra da memória, a história oral abre um espectro de percepção de subjetividades e dialoga com outras ciências, como antropologia, a sociologia, a linguística, a psicologia. Existem aqueles pesquisadores mais audazes que procuram explicações, inclusive, na física quântica, visando com isso, compreender a vida humana em seus aspectos mais minuciosos.

A inovação do conhecimento histórico nas histórias de vida está na abordagem, preocupada com a construção/reconstrução de discursos, nas maneiras de pensar, sentir e agir, indicadas pelas entrevistas e produzidas conjuntamente pelo entrevistador e entrevistado diante das motivações de pesquisador que permitem vivenciar momentos de invenção de si e da realidade, em concomitância e colaboração.

A história oral por privilegiar atores marginais, em grande medida, e inovar sua abordagem é considerada uma história vista de baixo ou em alguns casos a



# revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 1, maio. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p28>

possibilidade para construir uma micro-história, por juntarem testemunhos a partir de arquivos e fontes orais não oficiais e ainda não contidos em sua concepção majoritária, positivista. Neste sentido, se almeja a produção de uma historiografia que inter-relacione os indícios históricos e as histórias de vida.

Segundo Mercedes Vilanova, existe uma distinção clara entre as fontes escritas e orais, mas suas peculiaridades devem construir para produção de uma história útil e bem feita:

As fontes orais são intrinsecamente diferentes das fontes escritas, mas são do mesmo modo úteis. Quero sublinhar a palavra útil por que a história tem de servir para alguma coisa. E eu venho falar, não da história oral, mas de uma história bem feita, uma história que seja útil. E estamos convencidos de que essa história bem feita, sem fontes orais é uma história incompleta. (VILANOVA, 1994, p. 46)

Esse tem sido um consenso entre muitos pesquisadores das ciências sociais, que consideram toda fonte, seja ela oral ou escrita como incompleta, parcial, limitada e que reflete a compreensão e as intenções de um sujeito a partir de um lugar social e uma conjuntura histórica que muito influencia e condiciona.

Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção sócio-econômica, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de estudo ou de sino, uma categoria de letrados (CERTEAU, 1979, p.18).

A investigação das histórias de vida utilizando a metodologia da história oral se inicia com um conjunto de procedimentos. O primeiro passo é a produção de um projeto de pesquisa, com todos os seus elementos, inclusive explicitando na metodologia que se deseja trabalhar com a história oral. Após a produção do projeto será definido o universo de entrevistados, de pessoas que tenham informações acerca do objeto que se está investigando, concebendo suas memórias como fontes. Embora

Chartier não esteja tratando especificamente acerca da história oral, sua proposição nos serve para pensar o trabalho do historiador, para quem

[...] ao contrário do romancista, trata-se de disseminar ao longo do texto instâncias de legitimação extratextual. Um índice comum de institucionalização discursiva pode ser encontrado na presença dos seguintes elementos: a) notas de rodapé; b) menções a autoridades na área de estudos; c) recurso à comprovação empírica de base documental, sociológica, antropológica etc. Entenda-se: refiro-me ao desejo de contar com sólida base empírica, não à discussão de sua pertinência. (CHARTIER, 2011. pp. 13-14)

No mesmo caminho, Roger Chartier nos lembra que Paul Ricoeur estabelece uma série de distinções essenciais “[...] entre estas duas formas de presença do passado no presente que asseguram, por outro lado, o trabalho da *anamnese*, quando o indivíduo desce a sua memória, como escreve Borges, e, por outro lado, a operação historiográfica.” (CHARTIER, 2011. p. 115) Assim, pensar a história oral como prática de pesquisa, é lançar-se para um desafio historiográfico sobre o qual pesa a responsabilidade de lidar com história de vidas no tempo presente, onde também somos copartícipe do processo de construção de narrativas.

Nos termos da história oral, faz-se necessário destacar a organização do material eletrônico é fundamental, testando inicialmente todos os equipamentos antes da realização das entrevistas, evitando os ruídos para contaminar o áudio, carga de baterias de aparelhos, perturbações que interrompam as entrevistas. Faz-se necessário também levar sempre os termos de consentimento aos participantes das entrevistas, sejam elas individuais ou coletivas. Assim, os contatos prévios com os possíveis entrevistados podem evitar surpresas inesperadas e facilitar a elaboração dos questionários. Em se tratando das histórias de vida, embora a comunicação deva ser livre e fluída, é necessário evitar que haja subterfúgios, inversão dos papéis de entrevistador e entrevistado, organização do espaço da entrevista, evitando ruídos e demais variáveis intervenientes que prejudiquem as gravações. Além disso:



# revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 1, maio. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p28>

Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. (THOMPSON, 1992, p. 254).

O passo seguinte após as entrevistas são as transcrições, momento privilegiado para os pesquisadores revisarem as entrevistas e internalizar as informações. As transcrições precisam atender ao princípio de rigor e zelo quanto à entrevista concedida. Após as transcrições, os textos devem ser conduzidos para seus entrevistados, para que após a sua leitura pelo entrevistado lhe seja concedida uma carta de autorização para utilização em pesquisas, como fonte histórica.

Por uma questão de princípio ético deve ser evitado o uso de entrevistas cujos entrevistados não autorizarem o uso das falas, pois configura crime de apropriação indevida de fala, sem a devida anuência dos participantes da pesquisa, sendo que sua interlocução é essencial.

Considerando as entrevistas como a produção conjunta de dois atores sociais em interação, é fundamental dispor de tempo e contatos prévios suficientes para possibilitar uma relação de confiança e empatia mútua. Um roteiro básico para a entrevista também deverá ser previamente preparado pelo pesquisador, de acordo com a proposta do projeto, de forma discreta e evitando os formalismos exagerados da academia para não criar um clima de distanciamento formal na realização da pesquisa.

Para facilitar a entrevista e administrar bem o tempo, evitando o cansaço do pesquisador e do entrevistado é necessária a elaboração de um bom instrumento, de um bom roteiro, com questões precisas, diretas e claras, com uma certa estrutura lógica entre as questões e um esquema que facilite a espontaneidade das entrevistas. Embora nas histórias de vida deva-se primar pela vontade da pessoa em querer narrar a si

mesma e constituir-se pela linguagem, podem acontecer relatos em que sejam comentadas situações que distanciam o foco da investigação.

A função do roteiro é auxiliar o entrevistador, no momento da entrevista, a localizar, no tempo, e a situar, com relação ao tema investigado, os assuntos tratados pelo entrevistado. Por essa razão, é bom organizar os dados de forma tópica, para facilitar sua visualização no mento da gravação (ALBERTI, 2005, p.177).

Na História Oral a técnica e as habilidades são indispensáveis. Por isso, ela deve obedecer a um conjunto de normas e de etapas nas diversas fases da sua realização. O caminho percorrido pelo investigador deve ser apresentado no relatório da pesquisa, quando se tratarem de pesquisas realizadas com a finalidade de produção de dissertações ou teses, ou ainda financiados por programas de fomento à pesquisa. O relatório pode ser um texto reflexivo que também pode está contido no caderno de notas, onde poderão está registradas suas principais impressões e uma ligeira teorização sobre o objeto.

Ao entrevistado é oportunizada uma reflexão acerca de uma nova consciência de si próprio, de uma construção e reconstrução articulada por necessidade de uma coerência interior, pela reflexão que se faz sobre suas próprias condutas, que emerge graças a realizações em suportes específicos (imagens e palavras) dessa consciência nova de si, pode nascer uma invenção identitária capaz dar sentido à sua vida, às suas ações e reações. Assim o trabalho com as histórias de vida permite criar um discurso que, ao se fazer, inventa a parte original de uma determinada identidade de pesquisador de sujeito histórico.

A invenção de si pressupõe como possível um projeto de si, o que implica uma conquista progressiva e jamais terminada de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia em nossas escolhas de vida e nosso modo de vida. A invenção de si é posição existencial que se desdobra no cotidiano e não somente em situações em contextos particulares, Ela concerne a



# revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 1, maio. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2especial1p28>

todos as esferas da nossa existência, desde as roupas que usamos e todas as escolhas que fazemos (JOSSO, 2006, p. 12).

Assim a investigação das histórias de vida, tem como referência o paradigma singular plural, que circunscreve a pessoa em sua historicidade, como sujeito de suas experiências sociais, possibilitado pela compreensão da sua trajetória de vida, reconstruída pela ação da memória, tendo metodologia a história oral. Desta forma, correspondem à investigação de toda a experiência de vida de um indivíduo, corresponde na história ao relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador sujeito e de um intérprete.

As entrevistas de histórias de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados (ALBERTI, 2005, p.175).

Na oficina de Clio, o trabalho com as fontes orais possibilitam infinitas possibilidades, pois as histórias de vida podem oportunizar recorrências, o pesquisador pode explorar as relações da história individual com o contexto social, permitindo, como nenhuma outra técnica, apreender a influência mediadora dos pais, dos grupos de vizinhança, da escola e de outros grupos primários. Destarte, é necessário que pesquisador e o entrevistado tenham uma relação de respeito e co-responsabilidade, para que o entrevistado possa se sentir à vontade, relatar suas experiências e rememorar suas vivências pessoais e sociais.

A metodologia da história oral, como sistematizadora de narrativas e articuladora da linguagem com a experiência social do indivíduo representa uma das formas como o

sujeito se compreende, como analisa sua imagem e como almeja ser reconhecido por outras pessoas.

Neste sentido, as entrevistas possibilitam ao narrador uma construção livre da sua identidade e sua representação social. Assim, entrevistas do tipo histórias de vidas na perspectiva da 'invenção de si mesmo' são suturadas em torno da dimensão temporal.

O tempo se caracteriza por ser uma com-posição de recorrências e analogias. A sua nota principal é a reversibilidade. Reversibilidade que é estrutural, pois abraça retornos internos. E reversibilidade que é histórica, pois as suas formas voltam e se transmitem de geração a geração. É uma lógica que parece reproduzir os movimentos cíclicos do corpo e da natureza (BOSI, 1992 p. 27).

Destarte, é importante primar por certos cuidados que integram o ofício do historiador ao utilizar a metodologia da história oral, em relação a entrevistas e a forma de concebê-las com fontes.

Em se tratando das histórias de vida são muitas as tarefas do pesquisador: alertar para os elementos de invenção, de aproximação ou fantasia que ronda toda narrativa e, antes de pedir que acreditemos nos fatos relatados palavra por palavra, deve nos propiciar a chave que transforma o documento cru em uma fonte histórica, explicitando por que razões a plausibilidade é atribuída a uma parte da história de vida, antes que sua autenticidade possa ser apreciada (PEREIRA, 2002, p. 126).

Após a realização das entrevistas o pesquisador poderá solicitar o registro fotográfico do entrevistado ou da entrevistada e caso seja concedido, a fotografia poderá auxiliar na produção histórica. A historiadora Ana Maria Mauad coloca o relato oral e a fotografia numa situação de complementaridade e interação, contribuindo para compreensão do período histórico.

O relato oral pode ser utilizado como apoio à interpretação de fotografias, no entanto, a idéia de apoio coloca o relato oral num plano secundário em relação à imagem, quando ambos, na verdade, possuem uma realidade autônoma e complementar. Vale à pena, portanto, a montagem de dois "corpus"



# revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 1, maio. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p28>

documentais que, ao entrecruzarem, comporiam a textualidade de uma determinada época. (MAUAD, 1997, p. 203).

Na pesquisa em história oral, a questão da interação e confiança entre entrevistador e entrevistado soma-se às variáveis de tempo e lugar. Estes são os elementos que permeiam e condicionam a pesquisa oral e todo o seu universo, no qual os atores históricos interessados em uma temática compõem seus próprios arquivos, construirão conhecimentos e socializarão experiências. Assim, a dialética do encontro e elaboração da pesquisa envolvendo sujeitos plurais realizará sua função pedagógica de transformar os pesquisadores em produtores do processo histórico a serviço da humanidade e da humanização dos indivíduos.

Uma sensibilidade toda especial comunica o trabalho do historiador que lida com fontes orais, que no exercício de pesquisa também se inventa e se profissionaliza, assim nos rendemos a produção poética de Cecília Meireles (1961, p.11) que mesmo não se tratando especificamente das fontes orais, se faz contundente aos oralistas ao afirmar que:

Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem. Todos os dias desfaleço e desfaço-me em cinza efêmera: todos os dias reconstruo minhas edificações, em sonho eternas. Esta frágil escola que somos, levanto-a com paciência. E que amanhã recomencerei a aprender. Dos alicerces às torres, sabendo que é trabalho sem termo. E do alto avisto os que folgam e assaltam, donos de riso e pedras. Cada um de nós tem sua verdade, pela qual deve morrer. De um lugar que não se alcança, e que é, no entanto, claro, minha verdade, sem troca, sem equivalência nem desengano. Permanece constante, obrigatória, livre: enquanto aprendo, desaprendo e torno a reaprender.

Pelas palavras da poetiza é possível perceber a associação produzida pela linguagem no processo de construção da memória, por meio da linguagem, sua socialização na forma de entrevista, utilizando a tipologia das histórias de vida, e os sentidos produzidos por meio do processo de invenção de si, ao passo em que a

memória funciona como construtora e organizadora da representação dos entrevistados e entrevistadores.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No processo de construção do conhecimento histórico, do qual se beneficiam profissionais graduados em história, ciências sociais, antropologia, em educação e outras áreas possibilitam um sensível processo de profissionalização, constituição de múltiplos saberes, habilidades de pesquisa. Na investigação das histórias de vida a própria vida do pesquisador também é impactada, tendo o exercício da reflexão como possibilidade de incursão no próprio processo existencial.

A forma de entrevista denominada de histórias de vida é abrangente, possui diversas potencialidades e usos na investigação científica. Na lógica comunicante estabelece uma série de sentidos, consolidado as formas de pensar, sentir e agir dos entrevistados.

O processo comunicativo é amplamente explorado na metodologia da história oral, de diversas maneiras e com múltiplos resultados, sejam ele expresso nas falas pronunciadas ou nos silêncios provocados pelos não-ditos, pelos traumas, pelos esquecimentos, pela violência cognitiva instigado pelas recordações ruins.

Espera-se que a história oral continue contribuir com a constituição de saberes, pois ela possibilita descortinar uma série de eventos negligenciados pela história oficial, em documentos oficiais, em registros cartoriais, imprensa, correspondências, jornais impressos etc, que durante muito tempo tiveram primazia na constituição de fontes de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. in: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes Histórias. São Paulo: Contexto, 2005.**

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. in: NOVAES, Adauto.(org). **Tempo e História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CERTEAU, Michel de. A Operação histórica. in: LE GOFF, Jacques. **História: novos problemas.** (org). 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves. 1979.

CHARTIER, Roger. O passado no presente. Ficção, história e memória. In: CHARTIER, Roger. **A força das representações: história e ficção.** ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). Chapecó S: Argos, 2011. p. 115

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? in: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

JOSSO, Mary-Cristine. Prefácio.in: SOUZA, Elizeu Clementino de. (org). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre, 2006.

LE GOFF, Jacques. in: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001, p. 32.

MAUAD, Ana Maria. História, iconografia e memória. in: SIMSON, Olga Rodrigues de M. Von. (org). **Os desafios contemporâneos da história oral.** Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? in: **Revista Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p.9-24, 1992.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. in **Revista Brasileira de História Oral**, São Paulo: n. 3, jun. 2000.



revista  
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 1, maio. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2especial1p28>

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. in: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3. 1989.

ROCHA, João Cezar de Castro. Apresentação: Roger Chartier e os estudos literários. In: CHARTIER, Roger. **A força das representações: história e ficção**. ROCHA, João Cezar de Castro(Org.). Chapecó S: Argos, 2011. p. 13/14.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. in: FERREIRA, Marieta. (org). **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.